

A high-angle photograph of a young girl with dark hair and large, expressive eyes, wearing a white t-shirt. She is leaning over a wooden desk, looking directly at the camera with a slight smile. Her hands are resting on a green laptop. The background is a plain, light-colored wall.

EDUCAÇÃO de MULHERES e MENINAS

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA
VOLUME 15 / NÚMERO 12
Publicado em junho de 2011

Coordenadora	Dawn L. McCall
Editora executiva	Catherine J. Jarvis
Diretor de Publicações	Michael Jay Friedman

Diretora editorial	Mary T. Chunko
Editores-gerentes	Nadia S. Ahmed Bruce Odessey
Gerente de Produção	Janine Perry
Designer	Chloe D. Ellis
Capa	Min Yao

Editores de fotografia	George Brown Ann Monroe Jacobs
Especialista em referências	Anita N. Green

Revisora do português	Marília Araújo
-----------------------	----------------

Foto da capa: © AP Images

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica as revistas eletrônicas *eJournal USA*. Cada edição analisa uma grande questão enfrentada pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional e informa os leitores internacionais sobre a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

Cada *eJournal* é publicada em inglês, seguida pelas versões eletrônicas em espanhol, francês, português e russo. Algumas edições também são traduzidas para o árabe, o chinês e o persa. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

Editor, *eJournal USA*
IIP/PUBJ
U.S. Department of State
2200 C Street, NW
Washington, DC 20522-0501
USA
E-mail: eJournalUSA@state.gov

Educar Mulheres e Meninas é Crucial para Atender às Demandas do Século 21

Embaixadora Melanne Verveer

A educação de mulheres e meninas é essencial não apenas para promover a igualdade de gênero, mas também para enfrentar toda a gama de desafios do século 21. Pesquisas mostram que investir em educação é um dos investimentos mais eficazes e de maior retorno que um país pode fazer.

Muitos progressos certamente foram feitos desde 2000, quando nações de todo o mundo comprometeram-se com a Meta de Desenvolvimento do Milênio (MDM) 2 para a universalização da educação fundamental; no entanto, lacunas consideráveis ainda permanecem, em particular para meninas. Segundo algumas estimativas, 72 milhões de crianças no mundo todo não frequentam a escola e 54% dessas crianças são meninas. Além disso, embora a paridade de gênero no ensino fundamental tenha aumentado na última década, uma defasagem de paridade de 6 milhões ainda persiste — e é ainda mais pronunciada no mundo em desenvolvimento. No Iêmen, quase 80% das meninas fora da escola não têm probabilidade de se matricular, contra 36% dos meninos. Na África Subsaariana, estima-se que quase 12 milhões de meninas não deverão se matricular.

A qualidade da educação também é um problema sério porque, mesmo onde o índice de matrícula escolar aumentou, muitas meninas ainda deixam a escola sem conhecimentos básicos de matemática e mal alfabetizadas e estão, portanto, mal preparadas para competir e prosperar. Melhorar o acesso das meninas ao ensino médio é outra área que ainda necessita de maior atenção.

Os países com os menores padrões de vida e os índices mais altos de analfabetismo costumam ser os países que não fornecem educação para suas meninas. Se não forem enfrentadas, essas desigualdades na educação perpetuarão a violência, a pobreza e a instabilidade e impedirão que as nações progridam econômica, política e socialmente. Além disso, a falta de acesso à educação pode acompanhar uma menina por toda a sua vida; dos mais de 700 milhões de adultos analfabetos do mundo, dois terços são mulheres.

A educação das meninas é valiosa tanto por si só quanto pelo fato de incentivar o desenvolvimento. A criação de incentivos para respaldar a educação de meninas — e, em particular, o ensino médio das meninas — catalisa uma gama de resultados positivos. Dados empíricos mostram que o aumento da educação das meninas está relacionado com o



Departamento de Estado dos EUA

Melanne Verveer

crescimento econômico, maiores rendimentos agrícolas e maior produtividade da mão de obra. Mães instruídas têm maior probabilidade de garantir que seus bebês sejam vacinados e recebam nutrição adequada e tendem a ter famílias menores, mais saudáveis e com maior grau de instrução. Filhos de mães instruídas têm maior probabilidade de frequentar a escola.

OS GANHOS SÃO CONSIDERÁVEIS

Proporcionar às meninas um ano a mais de educação fundamental pode aumentar seus salários futuros de 10% a 20%, e um ano a mais no ensino médio aumenta seus salários futuros de 15% a 25%. O ensino médio também oferece uma oportunidade valiosa para as meninas aprenderem comportamentos saudáveis. Em alguns países, por exemplo, a Aids dissemina-se duas vezes mais rápido entre meninas sem escolaridade. Em lugares onde o casamento infantil é uma norma aceita, propiciar aos pais um incentivo tangível para manter suas filhas na escola costuma ser o melhor meio de evitar essa prática nociva. As evidências são claras: quando mulheres e meninas têm instrução, toda a sociedade se beneficia.



Cortesia: USAID

Estas meninas em Serra Leoa receberam ajuda americana para resistir à pressão econômica para abandonar a escola

Estima-se que 31 dos 196 países do mundo correm o risco de não alcançar paridade de gênero nos índices de matrícula no ensino fundamental até o prazo final da MDM, em 2015. Restando menos de cinco anos para a obtenção tanto da MDM quanto da meta semelhante de Educação para Todos do Fórum Mundial da Educação, a comunidade global precisa intensificar os esforços para enfrentar as barreiras que mantêm tantas meninas analfabetas e fora da escola.

Os Estados Unidos estão focando em iniciativas para incentivar a educação de meninas — dar aos pais recompensas tangíveis, como um saco de farinha de trigo ou uma lata de óleo, para enviar suas filhas à escola. Em muitos lugares, os pais não veem razão para educar uma menina. Uma filha quase sempre é vista como um ônus, relegada a executar tarefas domésticas árduas e até mesmo forçada ao casamento infantil. Estamos intensificando esforços para programas que aumentam a matrícula de meninas no ensino fundamental, médio e universitário, bem como a conclusão dessas etapas, com financiamento de recursos educacionais diretos, como livros, uniformes e taxas escolares, que são barreiras comuns à matrícula. Nossos investimentos também cobrem custos indiretos de escolarização como bolsas de

estudo, ajuda financeira e programas nutricionais. Além disso, damos ênfase à capacitação de escolas, professores, sociedade civil e comunidades para aumentar a qualidade da educação e os resultados positivos.

Por meio de nosso engajamento com líderes e comunidades locais, estamos ajudando a aumentar a conscientização dos benefícios de manter meninas na escola e cultivar uma aceitação mais ampla da educação das meninas. Desde melhorar os ambientes de aprendizado escolar e financiar a capacitação de professores no Afeganistão até ter como alvo meninas com risco de contrair HIV/Aids na Zâmbia, os Estados Unidos estão trabalhando em várias frentes para garantir que a educação de mulheres e meninas seja parte integrante de nossa participação na comunidade global e da nossa agenda para o século 21. Como disse a secretária de Estado, Hillary Clinton, investir em mulheres e meninas é não apenas a coisa certa a fazer, é a coisa inteligente a ser feita. ■

Melanne Verveer é embaixadora-geral para Assuntos Globais da Mulher do Departamento de Estado.



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / JUNHO DE 2011 / VOLUME 15 / NÚMERO 12

Educação de Mulheres e Meninas

- 1 Educar Mulheres e Meninas é Crucial para Atender às Demandas do Século 21**
EMBAIXADORA MELANNE VERVEER
Promover a educação de mulheres e meninas assim como a igualdade de gênero é prioridade da política externa dos EUA.
- 4 Educação de Meninas: O Que Funciona**
BARBARA HERZ
A educação de mulheres e meninas é crucial para o desenvolvimento econômico e social de um país.
- 11 Retribuição**
Mulheres bem-sucedidas nos Estados Unidos respondem à pergunta: “Como você usou a sua educação para ajudar outras pessoas?”
- 14 O Direito à Educação**
KISHORE SINGH
Países concordam em promover o acesso das mulheres à educação.
- 16 “Nós, Mulheres, Abrimos Caminho para uma Nova Vida!”**
KRISTEN POTTER
A USAID alfabetiza mulheres e meninas no Marrocos.
- 18 Aproveitando o Oceano**
NADIA S. AHMED
Jovem salvadorenha estuda (e leciona) oceanografia.
- 19 Professora Transforma a Vida com um Clique de Mouse**
ROBERT BURCH
A USAID fornece capacitação em tecnologia para professores nas Filipinas.
- 21 Mais do que Construir Escolas**
NADIA S. AHMED
Em Ruanda, acesso a absorventes higiênicos pode ajudar a manter meninas na escola.
- 23 Educação de Meninas, uma Aldeia por Vez**
A Iniciativa Educação de Meninas, das Nações Unidas, e mobilização de base do Unicef promovem a matrícula escolar de meninas na Turquia.
- 24 Campanha pela Educação das Meninas**
NUR OTARAN E FATMA ÖZDEMIR ULUÇ
- 25 Entrevista: Inspiração para a Próxima Geração de Professores**
A professora de tadjique Zebo Murodova explica a importância de mulheres educadoras.
- 27 Entrada para Um Futuro Mais Brillhante**
MOHAMMAD NIAZ ASADULLAH
Ajuda financeira resultou em mais meninas no ensino médio em Bangladesh.
- 29 Recursos Adicionais**

Educação de Meninas: O Que Funciona

Barbara Herz





Cortesia: Ray Writin/Banco Mundial

A educação de mulheres e meninas não melhora apenas sua própria vida, mas também beneficia suas famílias e suas comunidades e estimula o crescimento econômico. Aqui professora na Índia trabalha com alunas

Muitos países encontraram maneiras eficazes de compensar os custos das famílias para educar meninas e melhorar a qualidade da educação de modo que seja mais vantajoso arcar com esses custos. A experiência no ensino fundamental sugere que uma abordagem de quatro pontos pode funcionar. Menos atenção foi dada para analisar o que funciona no ensino médio, mas é razoável começar com esses quatro pontos:

- **Tornar a escolarização de meninas acessível:** a maneira mais rápida e direta de os governos aumentarem os índices de matrícula e frequência escolar de meninas é reduzir os custos dos pais com a educação de suas filhas.

- **Cortar taxas escolares:** a China e a Indonésia, entre muitos outros países, viram o índice de matrículas de meninas no ensino fundamental aumentar após reduções de taxas como parte de reformas educacionais mais amplas. Por exemplo, o índice de matrículas no ensino fundamental em Uganda aumentou 70% depois que as taxas foram reduzidas no final da década de 1990 como parte de reformas educacionais maiores. As matrículas de meninas passaram de 63% para 83%, e as matrículas entre os

20% de meninas mais pobres passaram de 46% para 82%. Mas esse sucesso criou seus próprios desafios em Uganda e em muitos países — a sala de aula passou a ter mais de cem crianças em média, e a qualidade continua sendo uma preocupação. No entanto, esses desafios surgem devido ao aumento das matrículas.

- **Fornecer bolsas de estudo:** programas de ajuda financeira ou de bolsas de estudos podem ajudar a aumentar o índice de matrículas de meninas tanto no ensino fundamental quanto no médio. Existem poucos programas de bolsas de estudos de grande escala, mas talvez o mais notável seja o Programa de Ajuda Financeira no Ensino Médio Feminino em Bangladesh. Graças a esse programa, cerca de dois terços das meninas estão agora no ensino médio — número que se equipara ao dos meninos. Toda menina da zona rural está qualificada para a bolsa de estudos se frequentar a escola regularmente, tirar boas notas e não se casar enquanto estiver na escola. Esse programa não apenas mantém as meninas na escola, como também incentiva o alto desempenho acadêmico e adia os casamentos precoces. Outro

Os benefícios da educação de meninas



Cortesia: USAID

A escola é um ambiente importante para o ensino de conhecimentos básicos. Aqui alunas no Paquistão leem material da USAID sobre água potável segura

Os benefícios da educação de meninas — para os países, as famílias e as próprias meninas — são tão substanciais que alguns economistas, inclusive Lawrence Summers, ex-reitor da Universidade de Harvard e ex-conselheiro do Conselho Econômico Nacional do presidente Obama, afirmaram que a educação de meninas, isoladamente, pode ser o investimento com retorno mais alto disponível no mundo em desenvolvimento. A educação de meninas não apenas estimula o crescimento econômico, como também melhora o bem-estar das mulheres e lhes dá mais instrumentos de ação em suas comunidades e países.

programa de bolsa de estudos bem-sucedido é o Progreso no México, que dá a famílias pobres verbas para ajudar a compensar os custos de enviar os filhos para a escola, beneficiando em particular as meninas. Brasil, Quênia e Nicarágua também obtiveram resultados promissores com programas de bolsas de estudos.

- **Tornar a escola uma opção prática e “amigável para as meninas”:** construir escolas que ofereçam educação de qualidade perto de onde os alunos moram, capacitar professores (em particular as professoras), fornecer livros e materiais de ensino básico e oferecer horários flexíveis de aula pode ajudar a aumentar o índice de matrículas de meninas na escola. Por exemplo, na década de 1970, a Indonésia deu prioridade à reforma da educação. A Indonésia construiu mais de 60 mil escolas (ao custo de 1,5% do produto interno bruto), recrutou e capacitou

QUAIS SÃO ALGUNS DOS BENEFÍCIOS?

- **Rendas mais altas:** estudos do Banco Mundial mostram que, no geral, um ano a mais no ensino fundamental além da média aumenta os salários das pessoas em média de 5% a 15%, geralmente com retornos mais altos para as meninas do que para os meninos. Um ano a mais no ensino médio além da média aumenta os salários das pessoas em média de 15% a 25%, de novo com um aumento em geral maior para as meninas do que para os meninos.

- **Crescimento econômico mais rápido:** a educação para homens ou mulheres em geral resulta em crescimento econômico. Aumentar o número de mulheres com ensino médio eleva o crescimento da renda per capita, assim como avança em direção à paridade no número de anos para meninas e meninos.

- **Segurança alimentar:** estudo realizado pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Políticas Alimentares em 63 países constatou que a ampliação da educação feminina resultou em melhores práticas agrícolas, o que contribuiu para uma redução de cerca de 40% na desnutrição de 1970 a 1995.

- **Bem-estar da família:** a educação de meninas é o caminho mais seguro para famílias menores, mais saudáveis e mais instruídas. As mulheres passam mais tempo cuidando dos filhos do que os homens. Estudos

professores e diminuiu as taxas escolares. A Indonésia começou com um índice de matrículas no ensino fundamental de 60% na década de 1970 e hoje esse índice está próximo dos 100%, tanto para meninos quanto para meninas. A experiência em todo o mundo em desenvolvimento mostra o impacto de uma escola bem gerida nas proximidades de onde moram os alunos.

- **Melhorar a qualidade da água e do saneamento:** à medida que as meninas crescem, água e saneamento são essenciais, não apenas “bom de ter”. A experiência da África à Ásia mostra que as meninas não ficam na escola quando estão menstruadas se não tiverem acesso a água e saneamento. Esse problema é particularmente crucial para aumentar os índices de matrícula e retenção de meninas no ensino médio.
- **Garantir privacidade:** em sociedades em que mulheres e meninas são tradicionalmente separadas

continua na página 8

mostram que os recursos controlados pelas mulheres ajudam a família de uma forma mais direta do que os recursos controlados pelos homens. Quanto mais instrução tem a mulher, mais probabilidade ela tem de obter uma renda mais alta, o que beneficiará sua família. Além disso, quando as mulheres estudam, elas e seus maridos tendem a querer famílias menores e a investir mais na saúde e na educação dos filhos.

- Nos países onde três quartos das mulheres cursaram o ensino médio, as mulheres em geral têm de dois a três filhos, os filhos têm maior probabilidade de frequentar a escola e a mortalidade infantil cai enquanto a renda familiar aumenta.
- Segundo vários estudos, um ano de escolarização para a mãe além da média de seu país reduz a mortalidade neonatal de 5% a 10%.
- Onde as mães têm instrução, meninas e meninos em geral frequentam a escola por um período maior e estudam mais. Quase sempre a educação da mãe importa mais do que a do pai, em especial em países onde a defasagem na escolarização de meninas e meninos é maior.
- As meninas alfabetizadas, e em particular meninas que chegam ao ensino médio, têm maior probabilidade de evitar o HIV/Aids porque têm mais condições de obter informações, defender-se e ter mais controle sobre sua vida.
- Ter famílias menores, mais saudáveis e mais instruídas por sua vez ajuda a aumentar a produtividade econômica, prepara as pessoas para entrar em novas áreas de trabalho, alivia as pressões ambientais e reduz o crescimento populacional, que muitos países consideram mudanças sociais importantes.
- **Bem-estar das mulheres:** como enfatiza o ganhador do Prêmio Nobel Amartya Sen, quando as mulheres estudam elas ganham voz e instrumentos de ação, o que lhes proporciona maiores oportunidades econômicas, incentivando sua participação política e transformando a sociedade para melhor. Esses benefícios começam mais cedo do que pode parecer à primeira vista. Manter as meninas na escola até a 10ª ou 12ª série produz resultados positivos rapidamente. Essas meninas não se casam jovens; podem se virar melhor no século 21, ajudar a família e aproveitar as oportunidades à medida que as condições econômicas e sociais mudam.
- **Ciclo virtuoso:** os benefícios da educação de meninas começam no ensino fundamental,



© Martin Mejia/AP Images

É importante melhorar a qualidade da educação e garantir que os alunos aprendam os conhecimentos necessários. Aqui aluna no Peru aprende a usar o computador

mas aumentam quando elas vão para o ensino médio. Como uma primeira medida, muitos países estão se empenhando pela universalização do ensino fundamental, que é uma das Metas de Desenvolvimento do Milênio das Nações Unidas junto com a igualdade de gênero. Muitos avanços foram feitos, mas chegou a hora de pressionar igualmente por ensino médio para meninas e meninos.

De fato, fazer isso ajudará a alcançar a universalização do ensino fundamental. Quando o ensino médio feminino se dissemina, as meninas têm oportunidade de ter rendas mais altas, assumir papéis fora de casa ou da agricultura e obter paridade com os meninos. A educação de um número maior de mulheres e meninas também ajuda a atender à necessidade crescente de professores e profissionais de saúde, o que é crucial para sociedades nas quais mulheres e meninas precisam ser atendidas por professoras e médicas. ■

—Barbara Herz

O que prejudica a educação de meninas

Com os benefícios substanciais obtidos pelas famílias e sociedades com a educação de meninas, por que mais meninas não estão na escola? A dificuldade básica é que a maioria dos benefícios da educação de meninas são obtidos pelas famílias, sociedades e pelas próprias meninas quando elas crescem, enquanto os custos precisam ser arcados agora. Embora ocorra o mesmo com a educação de meninos, em muitas sociedades espera-se que as meninas desempenhem mais tarefas domésticas do que seus irmãos, o que pode fazer com que o custo imediato de curto prazo da educação de meninas pareça maior. Além disso, se os pais esperam que suas filhas casem e deixem a família, educar uma filha pode parecer um investimento menos seguro no futuro do que educar um filho. Mesmo em países onde a maior parte do custo do ensino fundamental e médio é bancada pelo governo, alguns custos ainda recaem sobre os pais, e esses custos podem ser substanciais, em particular para pais em situação de pobreza.

Os custos de educação incluem:

- **Taxas diretas:** os custos de anuidades escolares e livros didáticos podem representar de 5% a 10% da renda familiar média e 20% a 30% da renda de famílias pobres.
- **Taxas indiretas:** os pais às vezes são solicitados a pagar taxas para participar de associações de pais e mestres ou a complementar o salário dos professores.

Região	Meninas	Meninos
África Subsaariana	88	100
Sul da Ásia	91	100
Oriente Médio e Norte da África	96	100
Leste Asiático e Região do Pacífico	102	100
América Latina e Caribe	102	100
Europa e Ásia Central	97	100

Fonte: Conselho de Relações Exteriores

- **Custos indiretos:** os pais incorrem em custos para coisas como transporte seguro para e da escola ou roupas para atender aos padrões culturais. Esses custos podem ser mais altos para meninas do que para meninos.
- **Custos de oportunidade:** a perda do tempo dos filhos na execução de tarefas domésticas ou agrícolas ou de sua contribuição para a renda familiar quando frequentam a escola pode preocupar os pais, em especial pais que vivem na pobreza. Em sociedades onde as meninas tradicionalmente têm mais tarefas do que os meninos, como apanhar lenha ou água ou cuidar dos irmãos mais novos, o custo da educação de meninas pode ser mais alto para os pais. As meninas podem então ser mantidas em casa mais frequentemente do que os meninos. ■

-B.H.

Educação de Meninas: O Que Funciona continuação da página 6

- dos homens e meninos, garantir a privacidade das meninas com escolas separadas ou horários separados para as meninas em escolas mistas pode ser essencial para aumentar o índice de matrículas das meninas. A experiência no Paquistão e no Afeganistão mostra que há maior probabilidade de os pais enviarem suas filhas para a escola se as classes não forem mistas, em especial depois dos primeiros anos do ensino fundamental.
- o **Fornecer materiais de ensino neutros do ponto de vista do gênero:** também é importante que as escolas atualizem livros e currículos de modo que os materiais de ensino não retratem meninas e mulheres somente em papéis tradicionais e, ao contrário, estimulem as meninas a tentar profissões diferentes e a participar de forma mais ampla na sociedade.
 - o **Capacitar as professoras:** em muitos países, o

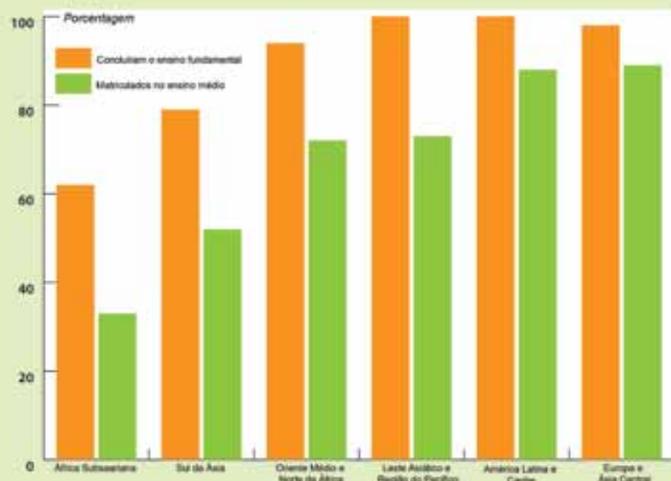
recrutamento e a capacitação de mais professoras incentiva a matrícula de meninas. Em alguns lugares, em particular onde as mulheres e meninas são mais separadas dos homens e meninos, por razões de reputação ou segurança, os pais podem estar mais dispostos a enviar suas filhas para a escola se elas forem interagir com professoras ao invés de professores.

- o **Enfrentar a desnutrição:** melhorar a saúde das crianças e garantir que elas não passem fome também é importante. A desnutrição crônica afeta a capacidade de aprendizado e é um grande problema em muitas partes do mundo. Por exemplo, um quarto das crianças na África e cerca de dois quintos no Sul da Ásia são desnutridos. Em vários países da África e do Sul da Ásia, programas de merenda escolar, às vezes com refeições para serem levadas para casa, aumentam os índices de matrícula e frequência

Onde as meninas estão fora da escola

Alunos que concluíram o ensino fundamental, matriculados no ensino médio

Meninas e meninos



Fonte: Conselho de Relações Exteriores

No mundo em desenvolvimento, milhões de meninas ainda frequentam a escola por apenas alguns anos ou não têm acesso à educação. Com as campanhas recentes pela universalização do ensino fundamental, as matrículas aumentaram drasticamente desde 2000: em cerca de 20% na África, cerca de 15% no Sul da Ásia e em 10%

no Oriente Médio e Norte da África. As matrículas de meninas no ensino fundamental já eram altas no Leste Asiático e na América Latina. Apesar desses ganhos, no entanto, persistem grandes diferenças, em especial em partes do Sul da Ásia e da África. Essas diferenças tendem a ser maiores onde a pobreza é extrema, em áreas remotas e em áreas onde meninas e mulheres sofrem maior exclusão social ou onde persistem conflitos. Dos 100 milhões de crianças ainda não matriculadas no ensino fundamental, cerca de 60 milhões são meninas. É claro que a matrícula não significa automaticamente frequência regular. Além disso, alcançar a universalização do ensino fundamental não é garantia de sucesso educacional de longo prazo

para as meninas. Milhões de outras crianças, em particular meninas, nunca chegam ou nunca começam o ensino médio, e fazer a transição das meninas para o ensino médio e mantê-las na escola até a conclusão do curso é um problema crítico, em particular na África Subsaariana e no Sul da Ásia. ■

-B.H.

de 30% a 50% e ajudam a melhorar o desempenho escolar. Quando meninas são desnutridas e menos saudáveis do que os meninos, essas medidas são especialmente importantes para garantir que as meninas tenham um bom desempenho na escola.

• **Focar na qualidade da educação:** na última década, muitos países concentraram-se em matricular crianças no ensino fundamental. Hoje, no entanto, é cada vez mais urgente focar na qualidade da educação, não apenas no número de crianças matriculadas. As crianças, em particular nas áreas mais pobres, quase sempre aprendem pouco no ensino fundamental e não estão preparadas para o ensino médio. Mais uma vez o problema é mais grave para as meninas, que podem ter menos oportunidades no ensino fundamental e também para estudar. Se a qualidade da educação for precária, pode parecer inútil para os pais arcar com os custos de educar os filhos. Se os pais percebem que esses custos são mais altos para as meninas do que para os meninos, torna-se ainda mais

crucial fornecer educação de alta qualidade para as meninas. Surgiram abordagens promissoras para melhorar a qualidade da educação, tais como:

- Capacitar professores em número suficiente para manter o tamanho médio da classe abaixo de 40 alunos.
- Melhorar a capacitação dos professores para substituir métodos repetitivos tradicionais de aprendizado por abordagens interativas e solução de problemas, como no Quênia, na Suazilândia, em Bangladesh e na Índia.
- Fornecer livros e suprimentos suficientes. Em muitos países de baixa renda, as crianças precisam compartilhar livros escassos, mas fornecer livros pode aumentar o índice de matrículas e o desempenho. No Peru, por exemplo, o fornecimento de livros didáticos gratuitos aumentou a chance das meninas se matricularem na escola em 30%.
- Elaborar currículos escolares que preparem as crianças para o século 21 e para trabalhos modernos, com a ampliação do ensino de Matemática e Ciências, como

no Brasil e na Índia. A Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) implementa vários programas para melhorar o ensino de Matemática e Ciências. A USAID está atualmente trabalhando com ministérios da Educação do Paquistão, em âmbito federal e provincial, e com o Instituto Americano de Pesquisa para ampliar o ensino de Matemática e Ciências no país. Nesse sentido, o projeto ED-LINKS fornece kits de Matemática e Ciências para escolas paquistanesas, beneficiando mais de 180 mil alunos.

- **Mobilizar comunidades:** para educar meninas, em especial em áreas mais pobres, é crucial mobilizar as comunidades para que se comprometam a educar todas as crianças, encontrar um professor adequado, estimular professores e alunos e ajudar a atender às necessidades práticas de escolas, alunos e professores. Vários esforços desse tipo alcançaram resultados positivos.
- Em Bangladesh, o Comitê de Ação Rural de Bangladesh (BRAC), que já atua há muitos anos, agora oferece escolas não formais a mais de 1 milhão de crianças altamente desfavorecidas, dois terços delas meninas, como parte de um esforço mais amplo focado na mobilização da população pobre em todo o país para que aprendam o que fazer para se ajudar. Mais de 90% dos alunos passam no exame da quinta série do governo e fazem a transição para o ensino médio. A abordagem do BRAC agora está sendo testada em vários outros países, entre eles, Afeganistão, Paquistão, Tanzânia, Uganda e Sudão.
- No estado indiano do Rajastão, um programa hoje presente em 500 escolas (e em fase de ampliação para mais de 2.300) patrocinado pela organização Educate Girls Globally trabalhou com comunidades e o governo do estado durante dois anos para colocar praticamente todas as meninas nas escolas públicas de ensino fundamental. O programa também introduziu mais práticas pedagógicas interativas, resultando em ganhos nos níveis de aprendizado depois de alguns meses.

◦ Em partes da província do Baluchistão, no Paquistão, que não contam com escolas públicas, o governo da província e uma organização não governamental local trabalharam com comunidades na década de 1990 para organizar escolas comunitárias. Os professores, muitos deles mulheres jovens, foram selecionados pelas comunidades, treinados e remunerados pelo governo. Em quatro anos, cerca de 200 escolas foram organizadas e 87% das meninas estavam matriculadas, em comparação com a média da província de 18% de meninas matriculadas.

- Em Mali, programas de participação da comunidade na educação contribuíram para aumentar o índice de matrículas de meninas em cerca de dois terços e para melhorar seu desempenho escolar. ■

Barbara Herz é especialista em políticas educacionais para meninas. Membro do Conselho de Relações Exteriores, trabalhou para a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional e para o Banco Mundial. No Banco Mundial, inaugurou a Divisão de Desenvolvimento da Mulher e conduziu o trabalho do banco na área de educação e saúde em Bangladesh, no Paquistão e no Sri Lanka.

Este artigo foi retirado em grande parte de Herz, Barbara e Gene B. Sperling. 2004. What Works in Girls' Education: Evidence and Policies from the Developing World [O Que Funciona na Educação de Meninas: Evidências e Políticas do Mundo em Desenvolvimento]. Washington, DC: Conselho de Relações Exteriores. Uma versão deste artigo com notas de referência pode ser encontrada em <http://iipdigital.usembassy.gov/st/english/publication/2011/06/20110624094700aidan0.9995037html>.

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

A vontade e os recursos para agir

Muito se sabe sobre como levar as meninas para a escola e ajudá-las a ficar até o nível médio. Fazer isso, no entanto, é principalmente uma questão de vontade política na decisão sobre como usar recursos escassos. Por que a educação tem prioridade? À medida que cresce a compreensão sobre o quanto e quão rápido a educação pode resultar em benefícios tangíveis para as meninas, suas famílias e seus países, mais comunidades podem exigir vontade política e recursos para que meninas

e meninos tenham acesso igual à educação de qualidade. Países como Brasil, China e Índia, que lideram o caminho do crescimento econômico, investiram — e continuam a investir — na educação. Os países que querem ser competitivos economicamente agora e no futuro e assegurar um bom padrão de vida para seu povo não têm melhor ação a adotar do que educar seus jovens — meninas e meninos igualmente — hoje. ■

-B.H.

Retribuição

COMO VOCÊ USOU A SUA EDUCAÇÃO PARA AJUDAR OUTRAS PESSOAS?



Ursula Burns

Cortesia: Xerox Corporation

Ursula Burns

Presidente e diretora executiva da Xerox Corporation. Com diplomas de Engenharia do Instituto Politécnico da Universidade de Nova York e da Universidade de Colúmbia, Ursula Burns também ajuda a liderar o programa nacional do presidente Obama nas áreas de ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM na sigla em inglês).

Minha mãe sempre me lembrava: “Onde você está não significa quem você é.” Cresci em um bairro pobre da cidade de Nova York. Minha mãe via a educação como uma maneira de seus filhos progredirem. Não demorou muito para eu perceber a sabedoria de suas crenças. Contrariando a tendência daquela época que levava as mulheres a seguir as carreiras de enfermeira e professora, escolhi engenharia mecânica. Eu estava traçando meu próprio caminho para o futuro. A Xerox logo me abriu suas portas como estagiária de engenharia e nunca olhei para trás. Foi aí também que comecei a retribuir o que recebi, ajudando mais mulheres jovens a seguir carreiras em matemática e ciências. Por intermédio de programas como a iniciativa Mudar a Equação, do presidente Obama, ajudo mulheres e minorias a valorizar os benefícios da mudança de vida, moldando nosso mundo por meio da engenharia e da inovação. Pois quem você é será sempre mais importante do que onde você está. Significa que minha mãe estava certa.

Alexandra Cousteau

Detentora de diploma em Governo da Universidade de Georgetown, Alexandra Cousteau é a fundadora e presidente da Blue Legacy International.

Meu avô, Jacques-Yves Cousteau, sempre me disse que nunca salvaríamos o mundo a menos que as mulheres tivessem acesso igual à educação. Tive sorte por minha família poder não apenas me dar a oportunidade de frequentar boas escolas, mas também me ajudar a explorar e conhecer o mundo fora das salas de aula. Estivéssemos em expedição, resgatando a vida selvagem ou trabalhando na conservação das comunidades, meus anos de formação foram passados aprendendo com as mãos, os olhos e a imaginação.

Estudei na Universidade de Georgetown, onde pessoas notáveis como Muhammad Yunus ajudaram a moldar ainda mais minha visão de mundo. Foi durante essa época que comecei a combinar minha admiração infantil por nosso mundo natural com a convicção de que cada um de nós tem um importante papel a exercer na preservação ambiental. O trabalho que faço por meio da Blue Legacy International é moldado por essa filosofia. Nossos projetos ajudam as pessoas a entender e valorizar suas relações diárias com a água e a mostrar que proteger nosso meio ambiente é um modo de trabalhar pela paz, pela oportunidade e pela justiça.



Alexandra Cousteau

© Blue Legacy

Sophia Khawly

Pós-graduada pela Universidade do Estado da Flórida em 2011, com diploma em Enfermagem.

Na minha infância viajava para o Haiti todos os verões para visitar meus parentes e via como era difícil a vida para as crianças haitianas. Fundei a organização não governamental Esperança para as Crianças do Haiti para que as crianças haitianas pudessem frequentar a escola gratuitamente. Todo verão, trabalhava como voluntária em Porto Príncipe nas clínicas médicas das escolas. Lembro-me bem de um de meus pacientes, Ezequiel, de 7 anos e desnutrido. Eu devia vaciná-lo contra a hepatite B, mas não adiantava porque ele não tinha os nutrientes necessários para que a imunização fosse eficaz.

Formei-me no ensino médio como enfermeira prática licenciada. Em enfermagem, aprendemos a prestar cuidados holísticos e a agir como defensores do paciente, portanto eu não podia ignorar o mau estado de nutrição de Ezequiel. Decidi incorporar um plano de refeições em sua escola, de forma que os estudantes tivessem garantidas duas refeições por dia. No último verão, fiquei extremamente feliz de ver que Ezequiel tornou-se um garoto mais saudável.



Cortesia: Melissa Meschler

Sophia Khawly



Marissa Mayer

Marissa Mayer

Vice-presidente de localização e serviços locais do Google, ela é diplomada em Sistemas Simbólicos e Ciência da Computação pela Universidade de Stanford.

Minha formação me tornou curiosa e confiante, e essas características permitiram-me ajudar outras pessoas. A educação realmente despertou a minha curiosidade — sempre fui curiosa por natureza — mas na escola aprendi como a curiosidade pode ser recompensada. Adorava aprender e poder descobrir coisas. Foi minha curiosidade que me deu vontade de trabalhar no Google Search e em nossa busca de organizar a informação mundial. Tenho orgulho das ferramentas que criamos no Google para ajudar as pessoas a satisfazer sua curiosidade, obter mais informações e, quem sabe, tomar melhores decisões.

Minha educação também me deu confiança. É essa confiança que me permitiu trabalhar não como mulher, mas como um *nerd* da informática no Google. Em setores dominados por homens, como a tecnologia, as mulheres necessitam de modelos de referência para progredir. Modelos de referência e mentores femininos ajudaram-me a adquirir confiança, e agora espero dar minha pequena contribuição fazendo o mesmo por mulheres jovens.

Cortesia: Google



Cortesia: UNCF/Iniciativa da Merck Science

Oluwadamilola Oladeru

Oluwadamilola Oladeru

Pós-graduada pela Universidade de Yale em 2011, com diploma em Biologia e Estudos Africanos.

Nascida na Nigéria, país assolado por graus incompreensíveis de disparidades, ignorava meus direitos de educação adequada. À medida que cresci, vi minha ânsia por conhecimento ser rejeitada — eu era jovem e mulher e minhas aptidões eram, portanto, subestimadas. Apesar dos desafios da migração para os Estados Unidos, sou grata pelas oportunidades educacionais que tenho aqui, especialmente em ciências. Como a educação é o melhor presente que recebi, não queria esperar até completá-la para compartilhá-la com as pessoas negligenciadas e mal atendidas. Isso me inspirou a criar a Biblioteca Ler em Paz em Erin-Ijesa, na Nigéria. A educação é um direito humano. Ela reduz a pobreza, melhora a saúde e, o mais importante, afirma a dignidade humana. Espero que meu empenho em melhorar a educação no mundo em desenvolvimento inspire outros jovens a fazer o mesmo.

Amy Qian

Pós-graduada pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts em 2011, com diploma em Engenharia Mecânica. Amy Qian ajudou a inventar dispositivos sustentáveis para cozinhar e aquecer.

Algumas das lembranças mais agradáveis da minha infância são as de estar descalça, coberta de pó de madeira, construindo coisas com qualquer material que encontrasse. Para mim, construir coisas sempre foi mais do que um passatempo; é um modo de aprender e modificar meu mundo.

Em 2009, viajei para a China e encontrei 20 universitários de comunidades rurais em Qinghai, onde água limpa, energia sustentável e educação são questões urgentes. Contudo, os estudantes se sentiam inseguros sobre quais tecnologias poderiam ajudá-los e, portanto, não conseguiam encontrar uma solução por si sós. Organizei um workshop de dois dias nos quais pequenas equipes construam projetos simples com madeira e pregos. A princípio hesitantes, os estudantes ganharam confiança à medida que suas ideias se materializavam. Depois, entusiasmados, sugeriram dispositivos que poderiam fabricar para ajudar os pais em casa. Mesmo não sendo engenheiros treinados, os estudantes descobriram que havia partes do mundo que poderiam mudar.



Cortesia: Amy Qian

Amy Qian

O Direito à Educação

PAÍSES CONCORDAM EM PROMOVER O ACESSO DAS MULHERES À EDUCAÇÃO

Kishore Singh

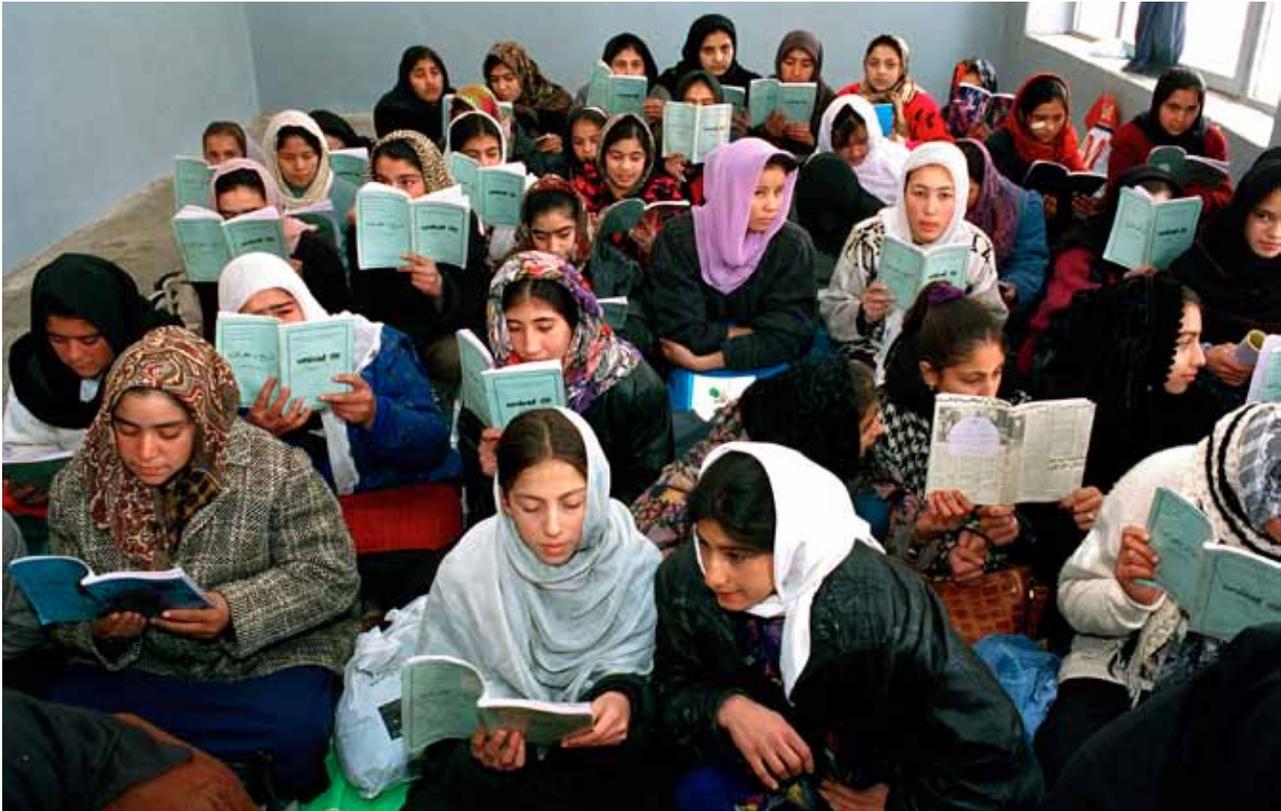


Foto: © Eskinder Debebe/ONU

A educação para todos é um direito apoiado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e por várias outras convenções internacionais. Aqui, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) apoia a Escola para Meninas Zarghuna em Cabul, Afeganistão

As mulheres têm sido historicamente submetidas a injustiças sociais e privadas da educação. No Fórum Mundial da Educação em 2000, 164 países assumiram compromisso coletivo com as metas do programa Educação para Todos (EFA), que incluem a paridade de gênero na educação até 2005 e acesso igualitário à educação básica de qualidade até 2015. Da mesma forma, a Declaração do Milênio das Nações Unidas, também de 2000, estabeleceu as Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDMs), com o compromisso de conseguir a paridade de gênero no acesso ao ensino fundamental e médio e o empoderamento das mulheres (MDM número 3) até 2015.

Contudo, muitos países estão atrasados no cumprimento da agenda do EFA, e as perspectivas para a realização da MDM no 3 são desanimadoras. O desafio intimidador é diminuir a diferença entre compromissos e realidade. Para fazer isso, os governos têm de dar maior ênfase aos direitos humanos como base de sustentação desses compromissos

e garantir acesso igualitário à educação como componente fundamental dos direitos humanos básicos.

ACESSO À EDUCAÇÃO É UM DIREITO HUMANO

A educação de mulheres e meninas é quase sempre considerada em termos dos muitos benefícios positivos que a educação confere a elas, aos filhos e à sociedade à qual pertencem. Mulheres instruídas podem participar e contribuir para o desenvolvimento social, econômico e político de um país. Contudo, a educação de mulheres e meninas deveria, *a priori*, ser vista como imperativo dos direitos humanos e não apenas em razão dos benefícios potenciais que traz aos filhos e à sociedade. O direito à educação é reconhecido internacionalmente como direito humano, conferido a mulheres e meninas da mesma forma que a homens e meninos. A Declaração Universal dos Direitos Humanos



Cortesia: Banco Mundial

Alunas usam a biblioteca na Universidade de Hanoi, no Vietnã

(1948) estabelece o direito de educação para todas as pessoas. Inspiradas pela Declaração dos Direitos Humanos, várias convenções internacionais sobre direitos humanos proíbem qualquer discriminação de sexo ou gênero. O acesso ao ensino fundamental gratuito e compulsória é um direito inalienável de todas as crianças — tanto meninos como meninas — segundo essas convenções.

O direito à educação como prerrogativa está intrinsecamente vinculado ao direito à educação como empoderamento. O direito das mulheres à educação, tanto como prerrogativa quanto empoderamento, é estabelecido pela Convenção sobre Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (1979). A convenção determina as obrigações dos Estados-partes de “adotarem todas as medidas adequadas para eliminar a discriminação contra mulheres, garantindo a elas direitos iguais aos dos homens na área da educação” e “em particular para garantir, com base na igualdade entre homens e

As seis metas do programa Educação para Todos:

- Ampliar os cuidados e a educação na primeira infância.
- Oferecer ensino fundamental gratuito e compulsório para todos.
- Promover a aprendizagem e as habilidades pessoais de jovens e adultos.
- Aumentar a alfabetização adulta em 50%.
- Atingir a paridade de gênero até 2005 e a igualdade de gênero até 2015.
- Melhorar a qualidade da educação.

mulheres”, acesso à educação em todos os níveis e em todas as formas.

As convenções internacionais sobre direitos humanos determinam que os países incluam, em suas respectivas leis internas, um compromisso com os direitos humanos reconhecidos internacionalmente. A vinculação de uma base de direitos humanos à legislação interna de um país é essencial para garantir oportunidades de educação para mulheres

e meninas. O acesso à educação é um direito humano essencial para o exercício de vários outros direitos humanos, inclusive o direito ao empoderamento econômico e social. ■

Kishore Singh é especialista em Direito Internacional e relator especial das Nações Unidas sobre o direito à educação.

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

“Nós, Mulheres, Abrimos Caminho para uma Nova Vida!”

A USAID ALFABETIZA MULHERES E MENINAS NO MARROCOS

Kristen Potter



Cortesia: USAID/Marroc

Marroquinas aprendem conhecimentos básicos de matemática como parte de programa educacional da USAID

Rachida, assim como muitas outras marroquinas, nunca teve a chance de frequentar uma escola de ensino fundamental. Quando a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) ofereceu um curso de alfabetização para mulheres no vilarejo de Ain Jdid, Rachida se dispôs a enfrentar as gozações de outros aldeões para aprender a ler e escrever.

O programa de pré-alfabetização que beneficiou Rachida e mais de 10 mil outras marroquinas foi elaborado para mães e tem por base uma estratégia que visa a aperfeiçoar as capacidades de alfabetização, ao mesmo tempo que estimula o apoio dos pais na educação dos filhos, em especial, das meninas. As habilidades de alfabetização e numéricas adquiridas por Rachida e suas colegas de classe mantêm-se como fonte de orgulho entre as mulheres e seus familiares.

Como mães, essas mulheres agora compartilham a alegria de aprender com seus filhos em idade escolar, muitos dos quais são beneficiários de outros programas educacionais da USAID.

Embora o Marrocos tenha feito avanço substancial no aumento do acesso à educação, mulheres e meninas da área rural continuam a ser o grupo mais marginalizado, com apenas uma entre sete meninas matriculada no ensino médio. De cada cinco jovens marroquinas da área rural com idade entre 15 e 24 anos, três são analfabetas. Mas não Rachida. Não mais.

MARROCOS E ESTADOS UNIDOS: PARCEIROS NA EDUCAÇÃO

Nos últimos 15 anos a USAID, em parceria com o Ministério da Educação marroquino, tem apoiado



Cortesia: USAID/Marrocos

A USAID/Marrocos apoia uma série de programas voltados para a educação de mulheres e meninas, incluindo cursos de pré-alfabetização e alfabetização

uma gama crescente de programas que promovem a educação de meninas e mulheres. O programa marroquino Educação de Meninas (1997–2003), por exemplo, propiciou acesso e escolarização para meninas da área rural, levando a um aumento de 21% nas matrículas do ensino fundamental. Além disso, a porcentagem de meninas que conseguiu chegar à sexta série nas regiões-alvo aumentou em 24%, mostrando que o nível de instrução das meninas também foi afetado de modo positivo. A despeito de uma longa história de colaboração bem-sucedida entre a USAID e o Ministério da Educação, os baixos níveis de alfabetização, em especial entre mulheres e meninas, continuam a ser uma séria preocupação no Marrocos. Embora quase 95% das crianças marroquinas estejam matriculadas na escola (incluindo 92% de meninas da área rural), os índices de alfabetização no país permanecem baixos. Quase um terço dos jovens entre 15 e 24 anos não sabe ler nem escrever.

PRIMEIROS PASSOS PARA A ALFABETIZAÇÃO

O primeiro passo para aumentar a alfabetização entre mulheres e meninas é identificar o problema e oferecer apoio imediato.

Como parte dos esforços nacionais do Ministério

da Educação para melhorar a qualidade educacional, a USAID está lançando neste ano um programa-piloto para avaliar as capacidades básicas de leitura e matemática dos alunos dos primeiros anos do ensino fundamental. Os dados dessa intervenção junto aos alunos serão usados para ajudar os professores marroquinos a aperfeiçoar práticas pedagógicas, além de darem subsídios aos pais sobre pontos fortes e pontos fracos de seus filhos. Os dados também serão usados pela direção das escolas para ajudar na elaboração de um programa de treinamento de professores que terá por base as necessidades de aprendizado dos alunos.

Essa avaliação-piloto será realizada na região de Rachida, Doukkala-Abda, que tradicionalmente apresenta

baixo número de matrículas escolares e alto nível de analfabetismo. Esse trabalho é o primeiro passo para assegurar que todas as crianças aprendam a ler e a fazer operações básicas de matemática. Segundo pesquisas, o aprendizado precoce de habilidades fundamentais está significativamente relacionado com o sucesso acadêmico, mas como Rachida também dirá, a alfabetização é a chave para se tornar um aluno independente para a vida toda. Quando Rachida fala sobre aprender a ler e ser capaz de dar mais apoio à educação dos filhos, ela sorri e diz que “nós, mulheres, abrimos caminho para uma nova vida!” ■

Kristen Potter é líder do grupo de educadores da USAID/Marrocos em Rabat, Marrocos.

Uma versão deste artigo com notas de referência pode ser encontrada em <http://iipdigital.usembassy.gov/st/english/publication/2011/06/20110624094943aidan0.4620935.html>

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Aproveitando o Oceano

JOVEM SALVADORENHA ESTUDA (E LECIONA) OCEANOGRAFIA

Nadia S. Ahmed

Beatriz Racinos não deixa que os obstáculos obstruam o caminho de seus estudos. Aluna de graduação da Universidade de El Salvador, Beatriz interessou-se por oceanografia quando conheceu o Instituto Scripps de Oceanografia em San Diego, nos Estados Unidos, como aluna do ensino médio, enquanto visitava a família.

Quando Beatriz ingressou na universidade, ela sabia que queria estudar oceanografia, mas essa não era uma área de habilitação principal. Na verdade, explica Beatriz, “não há graduação em oceanografia na América Central. Na Costa Rica tem biologia marinha, mas é muito longe da minha casa”. Beatriz decidiu então graduar-se em física. Embora haja muitas mulheres estudando química e biologia na sua universidade, não há muitas estudando física, e não há professoras de física. Mas Beatriz acredita que, à medida que mais mulheres como ela iniciarem carreiras em campos como física, mais jovens mulheres escolherão essas matérias.

Apesar das restrições, Beatriz estava determinada a estudar oceanografia. Em 2008, surgiu a oportunidade quando estudou um ano na Universidade Estadual Humboldt em Arcata, Califórnia, com uma bolsa de estudos do Programa Global de Intercâmbio para Graduação (Ugrad). “As aulas eram realmente muito interessantes para mim. Foi a melhor experiência para mim e para minha carreira”, diz ela. Na Humboldt, Beatriz e outros alunos foram ao mar para trazer amostras, e ela teve sua experiência em oceanografia *in loco*. Quando voltou a El Salvador, Beatriz sabia que a oceanografia era o campo certo para ela.

Mas ela também queria retribuir e fazer com que outros alunos se interessassem por oceanografia. Conforme Beatriz explica, “é uma habilitação muito legal, porque está relacionada com a ciência da Terra e o aquecimento global”. Ela queria apresentar a oceanografia aos alunos,



Beatriz Racinos ajudou a elaborar e ministrar um curso de geofísica que inclui oceanografia

Embaixada dos EUA em San Salvador

para que eles pudessem aplicar seus conhecimentos na solução dos desafios globais, como as mudanças climáticas. “É muito positivo orientar jovens estudantes para resolver esses problemas.”

Beatriz é uma ex-aluna bolsista do Ugrad, Fatima Soriano, receberam verba do programa “Construindo um Futuro Melhor” da Fulbright para criar e ministrar dois cursos. Um é de geofísica para alunos do ensino médio que incorpora aulas de oceanografia no programa. “Eles estão aplicando o que estão aprendendo em física e em matemática”, disse ela.

Beatriz ajudou a ministrar o curso até recentemente, quando ficou ocupada demais com o seu estágio em uma empresa local, aplicando a oceanografia em um projeto de energia renovável. Contudo, ela ainda ajuda a ministrar o segundo curso, um laboratório

oceanográfico para alunos de graduação do primeiro ano. “Eles podem começar [a estudar oceanografia] desde o início da carreira, embora não haja habilitação na matéria.”

Após se graduar em 2012, Beatriz espera obter doutorado ou mestrado em oceanografia física ou energia renovável marinha com uma bolsa de estudo Fulbright. “Gostaria de voltar e trabalhar em projetos sobre energia renovável marinha aqui em El Salvador”, diz ela. Por meio da ciência, Beatriz espera ajudar na descoberta de soluções para a energia: “Uma pessoa que conhece matemática, ciência e tecnologia pode ser mais sensível aos problemas das pessoas e tentar encontrar soluções.”

Beatriz demonstrou ter energia para aplicar seus estudos na solução de problemas e vencer desafios. Para Beatriz, é importante “não deixar que ninguém o desanime. Apenas trabalhe muito e mostre que você também pode fazer isso.” ■

Nadia S. Ahmed é editora-gerente de eJournal USA.

Professora Transforma a Vida com um Clique de Mouse

USAID TREINA PROFESSORES NAS FILIPINAS

Robert Burch



Cortesia: USAID/Filipinas

Maria Dulce Mayordomo (direita) é mentora de Marlem Ugalde, que ensina na mesma escola do sul das Filipinas

Que tipo de educação é necessária para que alguém seja bem-sucedido no século 21? Em muitos casos, a resposta é educação em uma das seguintes áreas: ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM na sigla em inglês). De acordo com relatório da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), apesar da importância da educação nessas áreas, a maioria das mulheres dos países em desenvolvimento tem acesso limitado à tecnologia da informação e das comunicações.

A USAID está trabalhando nas Filipinas para garantir que mais mulheres e meninas tenham acesso à educação em tecnologia. O projeto Crescimento com Equidade em

Mindanao Fase III, financiado pela USAID, por exemplo, tem por alvo acelerar o crescimento econômico por meio de programas tais como capacitação em alfabetização em informática no sul das Filipinas. Mais de 700 mil alunos do ensino médio — na maioria meninas — e mais de 20 mil professores se beneficiaram com a alfabetização em informática e a capacitação em internet.

No projeto Educação, Qualidade e Acesso às Habilidades de Aprendizado e Subsistência-2 (EQuALLS2) da USAID nas Filipinas, 1.400 professores do ensino público fundamental de Mindanao em áreas de extrema pobreza afetadas por conflitos receberam treinamento em alfabetização em informática básica. Além disso,

350 professores receberam treinamento em alfabetização em informática intermediária. Desses professores, 79% eram mulheres com pouquíssima ou nenhuma exposição anterior à tecnologia.

Maria Dulce Mayordomo estava entre esses professores. Maria Dulce, que trabalhou no exterior como babá durante três anos para ajudar sua irmã mais nova a cursar a faculdade, é agora professora de ciências na Escola de Ensino Fundamental Tuyan de Malapatan, na província de Sarangani. Ela recebeu treinamento pelo projeto EQuALLS2 e agora usa a tecnologia para ensinar seus alunos e colegas professores a melhorar de vida. Com o êxodo contínuo de trabalhadores filipinos qualificados, especialmente professores, para outros países em busca de melhores salários, Maria Dulce, apesar de ganhar menos, está feliz por estar de volta às Filipinas.

Como participante exemplar do projeto EQuALLS2, ela recebeu um laptop em nome da escola. Maria Dulce usa o computador para criar apresentações em PowerPoint que utiliza para ensinar ciências. “O computador é uma ferramenta de ensino completa na sala de aula. Ele tem Encarta [enciclopédia multimídia] e fornece uma grande variedade de referências. Minhas novas habilidades me ajudam a ser melhor professora, e meus alunos estão mais motivados para aprender”, diz Maria Dulce.

Ela também usa seus conhecimentos de informática como mentora de duas professoras, Marlem Ugalde e Rosannie Laruan. Reúne-se com elas para compartilhar estratégias pedagógicas centradas nos alunos, e usam o laptop para explorar juntas as aulas de ciências. Os novos conhecimentos de informática de Maria Dulce também lhe deram confiança para obter um diploma de mestrado. Ela conseguiu acessar on-line as informações necessárias para solicitar uma bolsa de estudos do Departamento de Educação das Filipinas e está atualmente trabalhando no seu mestrado em Ciências na Universidade Estadual de Mindanao na cidade de General Santos.

Maria Dulce é muito grata pelas oportunidades proporcionadas pela USAID para ajudá-la a crescer profissionalmente e ao mesmo tempo ficar perto de casa. Ela pode atestar o fato de que a tecnologia está melhorando o ambiente pedagógico, tanto para professores quanto para alunos, no sul das Filipinas. ■

Robert Burch é chefe do Escritório de Educação da USAID/ Filipinas em Manila.

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Mais do que Construir Escolas

ACESSO A ABSORVENTES HIGIÊNICOS PODE AJUDAR A MANTER MENINAS NA ESCOLA

Nadia S. Ahmed



A campanha Rompendo o Silêncio sobre Menstruação foi lançada em Kigali, Ruanda, em 2010

Como os países podem incentivar as meninas a frequentar a escola? Será que a resposta é fornecer livros didáticos gratuitos ou construir escolas mais próximas de suas casas? Embora sejam peças importantes do quebra-cabeça, outra questão influencia na frequência das meninas à escola: a menstruação.

Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância, uma em cada dez meninas africanas fica em casa durante o período menstrual ou abandona a escola. Em muitos casos, as meninas não têm acesso a absorventes higiênicos que tenham condições de pagar, e tabus sociais que impedem de falar sobre menstruação fazem parte do problema.

Em 2007, a empreendedora americana Elizabeth Scharpf criou a organização Empresas de Saúde Sustentável

(SHE) para tratar desse problema. A SHE atua em Ruanda com sua campanha she28 para desenvolver um absorvente higiênico acessível e ecologicamente amigável, feito com fibras de bananeira, para que as meninas não se sintam impossibilitadas de frequentar a escola durante o período menstrual. No projeto-piloto de 2011, a SHE espera produzir 1.200 absorventes por hora ou cerca de 2.112.000 por ano. A meta é reduzir os preços dos absorventes de 35% a 70%, explica CeCe Camacho, vice-presidente da SHE.

A organização não está apenas trabalhando para ajudar meninas a frequentar a escola durante o período menstrual, mas também está adotando uma abordagem de mercado para impulsionar as empresas locais em Ruanda. A meta é vender seus absorventes higiênicos a preços mais acessíveis a

Cortesia: Empresas de Saúde Sustentável



Cortesia: Empresas de Saúde Sustentável

Ruandesas retiram fibras do caule da bananeira para fazer absorventes higiênicos mais acessíveis

empreendedores locais, sendo seu foco as mulheres vendedoras. “As doações não funcionam no longo prazo. Abordagens de mercado funcionam, então, por que deixá-las somente para o mundo dos negócios? Vamos aplicá-las em alguns dos nossos maiores problemas sociais”, diz CeCe Camacho.

Adotar uma abordagem abrangente para os desafios sociais é parte importante da missão da SHE. De início, pensou-se que as meninas precisavam apenas de um absorvente com preço acessível. No entanto, depois de conversar com meninas ruandesas, a equipe da SHE percebeu que elas também queriam receber educação sobre saúde e higiene. Em vista disso, a entidade treinou mais de 50 trabalhadores comunitários em educação sobre saúde e higiene, abrangendo cerca de 5 mil ruandeses, informou CeCe Camacho. Além disso, a SHE fez parceria com o Fórum de Educadoras Africanas, a Associação de Mulheres Universitárias de Ruanda, o Ministério da Educação de Ruanda, o grupo não governamental Population Services International e centros de jovens para desenvolver um curso de saúde e higiene destinado a meninas de 12 anos ou mais, assim como a mulheres e homens.

A organização e seus parceiros também estão trabalhando para que as pessoas falem sobre absorventes acessíveis

como uma questão de política pública. Em 2010, a “SHE, junto com outras dez 10 importantes organizações, liderou uma campanha popular de conscientização em Ruanda denominada Rompendo o Silêncio sobre Menstruação”, disse CeCe Camacho. Centenas de ruandeses marcharam pelas ruas da capital e “participaram de uma discussão pública sobre a forma de derrubar essas barreiras na educação das meninas”. Como resultado, o governo de Ruanda aprovou “a compra de absorventes higiênicos no valor de US\$ 35 mil para as meninas mais carentes de Ruanda”.

O trabalho da SHE em Ruanda mostra a necessidade de uma abordagem abrangente para ampliar as oportunidades educacionais de mulheres e meninas. “Mulheres e meninas são frequentemente deixadas de lado em virtude de algumas dessas questões não discutidas”, explicou CeCe Camacho. “Precisamos tratar a educação de mulheres e meninas de um modo holístico.” Uma abordagem holística, explicou, significa também ser inclusivo e culturalmente sensível. É importante “ouvir meninas e mulheres assim como pais e filhos. Cabe a todos cuidar dessas questões”. ■

Nadia S. Ahmed é editora-gerente de eJournal USA.

Educação de Meninas, uma Aldeia por Vez

PROMOÇÃO DA MATRÍCULA ESCOLAR DE MENINAS NA TURQUIA



© UNICEF/SWZK00203/Sema Hosta

Alunas se reúnem no sudeste da Turquia no início do novo ano letivo

Em centenas de aldeias da província de Van, na Turquia, nas escolas, nas residências e nos cafés, a mesma pergunta tem sido feita por professores, jornalistas, ativistas locais e líderes religiosos.

“O que é preciso para que sua filha vá à escola?”

A campanha, denominada “Oi meninas, vamos à escola”, depende de uma vasta rede de voluntários que vão de porta em porta para convencer os pais sobre o valor da educação.

Ao parar na aldeia de Bakimli, um remoto posto avançado próximo à fronteira iraniana, uma equipe de quatro professores verifica uma lista de crianças e aponta com a cabeça uma casa de barro onde se supõe que uma menina de 8 anos não frequente a escola.

A mulher que atende à porta não parece surpresa com o grupo reunido nos degraus da frente de sua casa — de acordo com as regras da campanha rigorosamente monitoradas, os voluntários visitam com regularidade

todas as aldeias para avaliar os progressos e garantir que os pais cumpram sua parte quando chegar a hora da matrícula escolar. Com ar resignado, ela oferece cadeiras aos visitantes quase antes da troca de cumprimentos.

“Meu marido e meu irmão trabalham em Istambul”, diz. “Tenho medo de ficar sozinha em casa. E não acho que minha filha precise realmente ir à escola.”

Sukran Celik, professora de Van que trabalha na campanha em seu tempo livre, inclina a cabeça de modo compreensivo. “Mas não é difícil para você ler as instruções quando sai de casa? Se sua filha estudar, poderá ganhar dinheiro, trazer um salário para casa e cuidar da mãe.”

Vinte minutos mais tarde, a mãe está hesitante — vencida pela força dos argumentos de Sukran, ainda receia que a os estudos atrapalhem o casamento da filha. É necessária a visita do imã da aldeia, Ibrahim Yasin, para persuadi-la de que a escola fará de sua filha uma mãe melhor no futuro.

Como muitos líderes religiosos da Turquia, o imã promove a educação das meninas durante as orações de sexta-feira. “Ir à escola é um direito das meninas”, diz. “Uma menina precisa de instrução. O Islã nos ensina isso.”

Acima de tudo, é a ligação entre vizinhos que sacramenta a decisão da mãe de enviar a filha à escola. “Sou um exemplo de vida, porque tenho instrução”, diz Sukran. “Sou de Van; pertencço a esta cultura; mostro-lhes que isto é o que as meninas podem ser.”

De acordo com Zozan Ozgokce, chefe da Associação das Mulheres de Van e outra voluntária que visita as residências locais, há um crescente consenso de que a educação é um imperativo para todas as crianças.

“Quando perguntamos às mulheres como querem que seus filhos vivam, quase nunca dizem ‘como eu’. E quando perguntamos o que elas querem ser, elas dizem ‘instruída’.

“Talvez leve 25 anos para que os efeitos da campanha apareçam”, diz Zozan. “Mas ela ainda será visível nesta época — porque é esta geração que mostrará como o mundo pode ser.” ■

Resumido e reproduzido com permissão da Iniciativa Educação de Meninas, das Nações Unidas, e do Unicef.

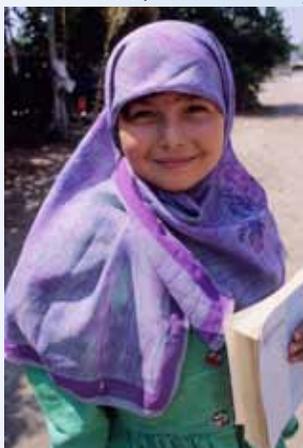
As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Campanha pela Educação das Meninas

Nur Otaran e Fatma Özdemir Uluç

Nur Otaran é pesquisadora e consultora em educação de meninas do Unicef na Turquia e Fatma Özdemir Uluç é diretora de educação do Unicef na Turquia

Desde 1997, todas as crianças da Turquia devem completar oito anos de ensino fundamental gratuito. Apesar dessas leis, a Turquia vem sofrendo disparidade de gênero na educação. Em 2003, o escritório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) na Turquia e o Ministério da Educação Nacional da Turquia criaram a Campanha de Educação das Meninas (HKO), que durou até 2010. A HKO enfrentou os principais obstáculos à frequência escolar de meninas na Turquia: falta



© Mark Downey/Lucid Images/Corbis

A campanha HKO na Turquia estimula as famílias a enviar as filhas à escola

de escolas, discriminação de gênero, baixa expectativa em relação à educação, baixa qualidade da educação e custo para as famílias enviarem os filhos à escola.

A HKO foi lançada inicialmente em dez províncias com os maiores índices de analfabetismo. Posteriormente expandiu-se para atingir todas as 81 províncias do país. Para garantir implementação eficaz, foram criadas parcerias nos níveis central e local. Em 2003 foi lançado um esquema de transferência condicionada de renda para ajudar os pais a cobrir os custos do envio dos filhos à escola, e livros didáticos gratuitos foram providenciados para todas as crianças do ensino fundamental, estimulando os pais a enviar as meninas (assim como os meninos) à escola.

A HKO contribuiu para melhorar a paridade de gênero no ensino fundamental da Turquia. Enquanto a disparidade entre os índices de escolaridade de meninas e meninos era de 7,15% em 2003, o ano do lançamento da campanha, essa disparidade caiu para 1,02% entre 2008 e 2009. Graças à campanha, mais de 200 mil meninas matricularam-se no ensino fundamental. Hoje a Turquia está em posição melhor em termos de paridade de gênero no ensino fundamental e tem melhor sistema de monitoramento da matrícula e da frequência escolares. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Inspiração para a Próxima Geração de Professores

PROFESSORA DE TADJIQUE EXPLICA A IMPORTÂNCIA DE MULHERES EDUCADORAS



Cortesia: Zebo Murodova

Zebo Murodova recebeu da mãe a inspiração para se tornar professora e agora inspira seus próprios alunos a continuar a seus estudos e carreiras

Pergunta: Você enfrentou algum obstáculo para se tornar professora?

Zebo Murodova: Minha mãe é professora e insistiu com meu pai: “Eu educarei minhas meninas porque quero que se tornem alguém na vida e encontrem o seu caminho.” Mas meu pai não concordou e retrucou: “Por que uma menina deveria estudar? Em vez disso vamos casá-las e elas acabarão deixando a nossa casa.”

Mas minha mãe fez um bom trabalho: ela convenceu o meu pai. Agora meu pai diz: “Sinto muito orgulho de você e fiz bem em escutar sua mãe. Hoje você tem sua própria profissão.”

P: Que desafios você enfrentou como professora?

R: Queria que minhas alunas ficassem mais tempo na escola e aprendessem algumas técnicas de liderança. Mas

os pais não gostaram da ideia e não permitiram que as meninas frequentassem clubes escolares.

P: Você conseguiu fazer com que mudassem de opinião?

R: Sim, consegui, mas só no meu quinto e sexto anos de ensino, quando então me tornei uma espécie de modelo para eles. Quando comecei a viajar, como as duas viagens que fiz aos Estados Unidos, por exemplo, todos viram que a aquisição de conhecimento pode levar você a qualquer parte. Isso fez com que mudassem a maneira de pensar. E passaram a trazer as meninas pessoalmente para a sala de aula com as palavras: “Por favor, faça com que ela aprenda.”

P: Que efeito você causa em seus alunos, em especial nas meninas?

R: Acho que me transformo em um exemplo de vida para elas. Posso levá-las a ver que aprender é o caminho para

o sucesso. Recentemente, uma mãe me disse as seguintes palavras: “Quero que a minha filha seja como você. Casei todas as outras filhas, mas não quero casar minha filha caçula. Eu só quero que ela estude, viaje para o exterior e conheça o mundo e pessoas diferentes.” Fico muito feliz quando ouço palavras como essas. Espero que meus alunos — especialmente as meninas — encontrem seu próprio caminho na vida e também recebam uma educação. Espero que no futuro as nossas meninas tenham uma educação de qualidade e possam trabalhar em todas as esferas para desenvolver nosso país.

P: Você gosta de ser professora?

R: Sou muito feliz por ter escolhido esta profissão. É uma profissão muito nobre. Mudamos a vida das pessoas e colocamos os alunos no caminho certo. Também me sinto feliz por ser uma pessoa muito útil. Graças aos meus alunos, consegui realizar muitas coisas com meu trabalho como professora. Realizei todos os meus sonhos. Sou muito grata à minha mãe; ela lutou para educar os filhos. Posso afirmar que é muito, muito importante que

as meninas estudem, recebam educação e tenham uma profissão. ■

Zebo Murodova é professora de inglês de uma escola de ensino médio no sul do Tadjiquistão. Sua mãe também é professora de inglês e estimulou a filha a seguir a mesma carreira.

Zebo estudou pedagogia na universidade e depois deu aulas em um centro de aprendizagem na internet patrocinado pelo Departamento de Estado dos EUA e pelas Escolas On-Line da Relief International. Ela também viajou para os Estados Unidos como parte de um programa de intercâmbio de professores para aperfeiçoar sua prática pedagógica.

Leia mais sobre Zebo Murodova e assista à entrevista na qual ela e sua mãe discutem a importância da educação (em “Uma Paixão Pela Educação”) em <http://www.america.gov/dreams.html>.

As opiniões expressas nesta entrevista não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Entrada para Um Futuro Mais Brilhante

AJUDA FINANCEIRA MANTÉM MAIS BENGALESES NO ENSINO MÉDIO

Mohammad Niaz Asadullah



Cortesia: Shehzad Noorani/Banco Mundial

Programa da USAID oferece ajuda financeira para manter as meninas matriculadas no ensino médio

Nos anos 1980, a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional financiou o Programa de Bolsas de Estudo para a Educação Feminina (Fesp) como forma de estimular as meninas a frequentar o ensino médio. Seguindo os passos do Fesp, as múltiplas iterações do Programa de Ajuda às Escolas de Ensino Médio Feminino (FSSAP) em Bangladesh têm procurado aumentar o número de matrículas de meninas. Esses programas de ajuda financeira têm inspirado outras intervenções monetárias direcionadas para a questão de gênero no mundo em desenvolvimento, como é o caso do Paquistão.

A ajuda financeira era dada às meninas independentemente do patrimônio familiar para cobrir as taxas escolares, mas elas precisavam atender três condições : frequentar pelo menos 75% das aulas do ano letivo,

obter no mínimo 45% de notas médias nos exames finais e não casar até completar o ensino médio.

No início dos anos 1990, o esquema de ajuda financeira às escolas direcionado para a questão de gênero foi lançado em todos os subdistritos do país pelo governo de Bangladesh em parceria com quatro doadores internacionais, inclusive o Banco Mundial. O FSSAP pagava as taxas escolares das meninas diretamente à escola, beneficiando todas as alunas da sexta à décima série do ensino médio que frequentavam escolas rurais formalmente registradas (escolas religiosas e não religiosas).

O FSSAP não só estimulou os pais a enviar suas filhas para a escola de ensino médio, mas também motivou as escolas a buscar alunas. Além disso, o FSSAP também ofereceu financiamento adicional para todas as escolas de ensino médio registradas, inclusive as escolas



Cortesia: Shehzad Noorani/Banco Mundial

Ao oferecer dinheiro às famílias para cobrir as taxas escolares, o Programa de Ajuda às Escolas de Ensino Médio Feminino em Bangladesh levou a um aumento de matrículas de meninas no ensino médio

islâmicas (madrassas), dependendo do número de alunas matriculadas. Embora seja difícil realizar uma avaliação precisa do impacto causado pelo FSSAP, o programa tem sido vinculado ao crescimento exponencial das matrículas de meninas, revertendo a diferença entre gêneros no ensino médio de Bangladesh. Entre 1990 e 2008, a participação de alunas em escolas de ensino médio registradas em Bangladesh passou de 34% para 54%.

O FSSAP também levou a um aumento drástico de matrículas de meninas em madrassas e transformou o sistema escolar islâmico registrado do país de uma instituição predominantemente masculina para um sistema educacional em grande parte misto.

Além do mais, houve um declínio no número de meninas que deixou a escola para casar, no período pós-intervenção. O adiamento de casamentos provocado pelo programa de ajuda financeira possivelmente contribuiu para a redução dos índices de fertilidade e de mortalidade infantil em Bangladesh. Apesar dos ganhos de participação escolar e acesso à escola, os índices de conclusão do ciclo de ensino médio ainda são baixos para meninas.

De modo geral, a inclusão de meninas no sistema de ensino médio por meio do programa de ajuda financeira tem potencial para a realização de uma grande transformação social, com implicações diretas em três das Metas de Desenvolvimento do Milênio: reduzir a mortalidade infantil, melhorar a saúde materna e promover a igualdade de gênero. Estudo recente de Asadullah e Chaudhury (2010) em Bangladesh indica que professores de escolas islâmicas (madrassas) e não islâmicas atuam como canal de transmissão

de normas para os alunos, acima e além da influência dos pais e do ambiente socioeconômico. As mudanças institucionais realizadas pelo FSSAP tiveram sucesso ao melhorar o acesso de meninas ao ensino em Bangladesh.

Apesar desses ganhos, a exemplo de outros países, mais trabalho precisa ser feito para garantir que as meninas participantes do FSSAP possam continuar sua educação após os anos de ensino médio. ■

Mohammad Niaz Asadullah é palestrante de economia na Universidade de Reading no Reino Unido e pesquisador visitante do Centro ESRC da Universidade de Oxford.

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Recursos Adicionais

Livros, relatórios e sites sobre educação de mulheres e meninas

Livros e relatórios

“**Education from a Gender Equality Perspective**” [“**Educação da Perspectiva da Igualdade de Gênero**”]. Washington, DC: Escritório de Desenvolvimento da Mulher, USAID, Projeto EQUATE, 2008.

Herz, Barbara e Gene B. Sperling. “What Works in Girls’ Education: Evidence and Policies from the Developing World” [“O Que Funciona na Educação de Meninas: Evidências e Políticas do Mundo em Desenvolvimento”]. Washington, DC: Conselho de Relações Exteriores, 2004.

King, Elizabeth e M. Anne Hill, orgs., *Women’s Education in Developing Countries: Barriers, Benefits, and Policy* [Educação de Mulheres em Países em Desenvolvimento: Barreiras, Benefícios e Políticas]. Baltimore, Maryland: Johns Hopkins University Press, 1993.

Kristof, Nicholas D. e Sheryl WuDunn. *Half the Sky: Turning Oppression into Opportunity for Women Worldwide* [Metade do Céu: Como Transformar a Opressão em Oportunidade para Mulheres do Mundo Todo]. Nova York: Knopf, 2009.

Levine, Ruth, Cynthia B. Lloyd, Margaret Greene e Caren Grown. “Girls Count: A Global Investment and Action Agenda” [“Meninas Contam: Investimento Global e Agenda de Ações”]. Washington, DC: Centro de Desenvolvimento Global, 2009.

Sen, Amartya. *Development as Freedom* [Desenvolvimento como Liberdade]. Nova York: Anchor Books, 2000.

Summers, Lawrence H. “Investing in All the People: Educating Women in Developing Countries” [“Investindo em Todas as Pessoas: Educação de Mulheres em Países em Desenvolvimento”]. EDI Seminar Paper No. 45. Washington, DC: Banco Mundial, 1994.

Tembon, Mercy e Lucia Fort, orgs., “Girls Education in the 21st Century: Gender Equality, Empowerment and Economic Growth” [“Educação de Meninas no Século 21: Igualdade de Gênero, Empoderamento e Crescimento Econômico”]. Washington, DC: Banco Mundial, 2008.

Sites

Camfed International
<http://us.camfed.org/site/>

Room to Read (Sala de Leitura), Educação de Meninas
<http://www.roomtoread.org/page.aspx?pid=284>

Fundo das Nações Unidas para a Infância
<http://www.unicef.org/>

Iniciativa para a Educação de Meninas, Nações Unidas
<http://www.ungei.org/>

Relator especial das Nações Unidas sobre o direito à educação
<http://www2.ohchr.org/english/issues/education/rapporteur/index.htm>

Departamento de Estado dos EUA, Escritório de Assuntos Globais da Mulher
<http://www.state.gov/s/gwil/index.htm>

Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional, Escritório de Igualdade de Gênero e Empoderamento da Mulher
http://www.usaid.gov/our_work/cross-cutting_programs/widl/

Vozes Vitais
<http://www.vitalvoices.org/>

Banco Mundial, Educação de Meninas
<http://bit.ly/kgQzBK>

O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos relacionados acima. Todos os links da internet estavam ativos em junho de 2011.

agora no facebook

www.facebook.com/ejournalusa



ENGAJANDO O MUNDO



REVISTA PUBLICADA EM DIVERSOS IDIOMAS POR
Departamento de Estado dos EUA, Bureau de Programas de Informações Internacionais